

O labirinto de Iberê e Siza, O Estado de S. Paulo, São Paulo /SP, June 2009

Cinema Visuais:

Um filme sobre o lado escuro da arte

Pinturas negras de Iberê Camargo e labirinto branco de Álvaro Siza inspiram Coulibeuf a discutir o duplo que nos persegue



ARIADNE MOERHAER - A performer portuguesa Vania Rovisco tenta escapar pelo corredor labiríntico do prédio da Fundação Iberê Camargo, projetado por Álvaro Siza, numa parábola sobre a trágica atração pelo abstrato

Antônio Gonçalves Filho

Coulibeuf, como um cineasta que construiu sua obra a partir de outras disciplinas artísticas e criadores como o belga Jan Fabre e a lagosilva Marina Abramovic, o francês Pierre Coulibeuf está em Porto Alegre para o lançamento do primeiro filme intencionalmente desafiado à pintura do gótico Iberê Camargo (1944-1994), *Dédale* (Dédalo). O filme, quase um média-metragem (com 26 minutos e 40 segundos de duração), é parte de uma exposição aberta hoje com uma série de fotografias - outras retiradas de *Dédale* - três projeções em vídeo e obras de corte da montagem, procedimentado com os trabalhos de Coulibeuf. O cineasta falou, por telefone, com o repórter do Estado, explicando a razão de ter recorrido à mitológica figura de Dédalo para dar sua interpretação da pintura de Camargo.

Dédalo, como se sabe, foi o arquiteto que, no mitológico grego, construiu um labirinto para o rei Minos aprisionar o minotauro, seu monstruoso filho. Já o português Álvaro Siza seria o correspondente contemporâneo de Dédalo, ao conceber o prédio branco e labiríntico onde funciona a Fundação Iberê Camargo, em Porto Alegre. Nela foi instalada uma bela exposição de telas verdadeiras do pintor para que a performer portuguesa Vania Rovisco encarasse o "dark side" das abstratas "pinturas negras" do expressionista Iberê, realizadas nos anos 1960. Um pouco pelo desafio pictórico, um pouco pelo arquitetônico cui-de-sac de Siza, ela tenta fugir pelos estreitos corredores do prédio projetado pelo português.

Os personagens de Vania Rovisco e do ator brasileiro Matheus Walter são os equivalentes de duas figuras mitológicas ligadas ao labirinto de Dédalo, Ariadne e Teseu, que se encontram e se perdem no interior do prédio de Siza e terminam numa praia, refazendo a trajetória do duplo - Ariadne, que quisu Teseu no labirinto para matar o minotauro, foi substituída por ele na ilha de Naxos. A

história responde pela estrutura formal do filme de Coulibeuf, que assume a metáfora como meio de expressão. "O movimento circular está presente tanto nos corredores do prédio como na obra de Camargo, explata do eclético, e me ocorreu a ideia do labirinto como uma conexão natural entre pintura, arquitetura e cinema, conservando a autonomia dessas disciplinas", explica Coulibeuf. Ele diz ter escolhido as "pinturas negras" de Iberê não só por seu apelo dramático, mas pelo lado escuro do *doppelgänger* que se esconde dentro de cada um de nós, sempre dispostos a se manifestar como um monstruoso minotauro.

Ariadne não encontra ninguém! Quem está posto a resgatá-la no filme de Coulibeuf, mas parece condenada a ser absorvida pelas telas de Iberê. Tampouco a cineasta escapa do sentido trágico dessa pintura, feita de matéria densa e esperiência vital passada. Antes, reforça essa gravidade existencial desde a primeira imagem captada pela câmera de Lata Carvalho, uma aranha presa à grã-perla lã, como Ariadne.

Guardas da exposição, o historiador do arte Giuliano Fideles explica que sua meta - introduzir a pintura de Iberê num contexto contemporâneo e internacional - só poderia ser conseguida por um artista como Pierre Coulibeuf, que não é documentarista, mas um criador que reinterpretar a obra de outros artistas desconstruindo seus trabalhos. Numa abordagem transversal, ele já se apropriou de uma performance de Marina Abramovic, *Biografia* (leia texto neste página), para realizar há dez anos seu filme *Balkan Baroque*. Nela, o diretor usa a evocação voluntária do passado pela performer sérvia para investigar seu ser interno, apostando na descontinuidade da memória.

O novo filme do cineasta, *Dédale*, faz parte do Ano da França no Brasil e foi recomendado pela Fundação Iberê Camargo, que conta com o apoio de Gerliani, do Itaú, Camargo Corrêa, Vontop e De Lage Landen. ■

Autor perdido na fronteira entre o real e a ficção

Filmes do diretor com o escritor Michel Butor e a performer Marina Abramovic misturam vida e arte

Ao contrário do mito de Ariadne, no filme *Dédale*, de Pierre Coulibeuf, não há nenhum deus piedoso para salvar a bela princesa da ilha onde foi abandonada. A Ariadne moderna do cinema francês não tem fio capaz de ligar os mortais ao labirinto da identidade. Assim, o prédio da Fundação Iberê Camargo projetado pelo português Álvaro Siza seria um "construtor de exércitos" e colocou em movimento "forças enfiadas" pelas telas do pintor gótico quando espectadores se concentram, segundo o diretor. A esse respeito, Coulibeuf evoca o

sentido original do nome Dédalo, em grego antigo (Daidalos, ou "artisticamente trabalhado"), dando a entender que a engenhosidade da figura mitológica rivalizava com sua capacidade perversa de gerar um projeto como o labirinto. ■

Misturar o real e o ficcional é o negócio de Coulibeuf. Em *Balkan Baroque* (1999), ele usa as reminiscências da performer Marina Abramovic para provar como a verdadeira vida da artista e seu imaginário se interpenetram a ponto de suas memórias virarem lembranças sustanciais. Tudo o que Couli-



PIETÀ - Marina Abramovic e Ulay, Michelangelo em *Balkan Baroque*

beuf quer evitar é a ilustração. Uma vida não pode ser resumida a uma óvela cinematográfica e, portanto, é preciso recriar o papel da representação para que ela pareça ainda mais artificial, "artificial" - todos os planos são frontais, incluindo a performance de Marina com seu companheiro Ulay, este no papel do Cristo da Pietà de Michelangelo (que ilustra esta página).

Coulibeuf adora se perder na fronteira do imaginário, o que o levou a fazer um filme sobre Michel Butor (*Michel Butor Mobile*, 2000), reconstrução do universo literário ou mental

do autor, um dos grandes nomes do "nouveau roman" francês no lado de Alain Robbe-Grillet. Nela, Butor representa um escritor - intérprete e ator do próprio papel -, antecipando essa ideia de "filme-labirinto" explorada em *Dédale*.

Coulibeuf é ambicioso. Não faz filme para a massa. Em *Les Guerriers de la Douceur* (2002), baseado num trabalho do diáspata, coreógrafo e artista visual belga Jan Fabre, ele usa textos de Ovídio, Shakespeare, Kafka e Lewis Carroll para criar o simulacro de uma coreografia sua, explorando a paródia e a ritualização teatral numa obra sobre uma Ariadne vestida de noiva e perseguida por pássaros num labirinto de portas e ruas medievais. Depois de *Coulibeuf* realizar *Klassisché, Pastor-Eremita*, em que mostra como demônios podem habitar uma pintura. ■ A.67.